

Secretaria  
de Educação e  
Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

## Unidade Curricular

# Inglês no cotidiano

Material de apoio à ação docente

**PERNAMBUCO**



**SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO**

**Secretária de Educação e Esportes**

Ivaneide Dantas

**Secretária Executiva Planejamento e Coordenação**

Mônica Maria Andrade

**Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação**

Tárcia Regina da Silva

**Secretária Executiva de Educação do Ensino Médio e Profissional**

Ana Cristina Dias

**Secretário Executivo de Administração e Finanças**

Gilson Monteiro Filho

**Secretário Executivo de Gestão da Rede**

Igor Fontes Cadena

**Secretário Executivo de Esportes**

Leonídio



SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

**Equipe de elaboração**  
*Paulo Rodrigo Pereira da Silva*

### **Equipe de coordenação**

Gerente de Políticas Educacionais do Ensino Médio (GEPEM/SEDE)

*Janine Fortunato Queiroga Maciel*

Gestor Pedagógico (GEPEM/SEDE)  
Rômulo Guedes e Silva

Chefe da Unidade do Ensino Médio (GEPEM/SEDE)  
Andreza Shirlene Figueiredo de Souza

### **Revisão**

*Ana Caroline Borba Filgueira Pacheco*  
*Ana Karine Pereira de Holanda Bastos*  
*Andreza Shirlene Figueiredo de Souza*

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

## Sumário

<b>1. Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>2. Prática de Pesquisa em Linguagens para o Inglês no Cotidiano</b>	<b>9</b>
Orientações para realização de atividades	10
Orientações para avaliação	12
<b>3. Estrangeirismos e Empréstimos Linguísticos</b>	<b>14</b>
Orientações para a Realização de Atividades	15
Orientações para Avaliação	17
<b>4. Abreviaturas e Acrônimos advindos do inglês e usados no Português Brasileiro</b>	<b>18</b>
Orientações para a Realização de Atividades	20
Orientações para Avaliação	21
<b>5. Prática de Produção de Escrita: O uso do Infográfico como Socialização da Pesquisa</b>	<b>22</b>
Orientações para realização de atividades	25
Orientações para Avaliação	27
<b>7. Referências Bibliográficas</b>	<b>28</b>

## I. Apresentação

Prezado/a professor/a.

*Inglês no Cotidiano* é uma Unidade Curricular destinada aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Pernambuco, e fundamentada na Portaria nº 1.432/2018, que orienta a elaboração dos Itinerários Formativos, sendo pautada no eixo estruturante *Investigação Científica*. Neste sentido, a Investigação Científica, segundo o referencial supracitado, objetiva “*aprofundar conceitos fundantes das ciências; ampliar habilidades relacionadas ao pensar e fazer científico e utilizar esses conceitos e habilidades em procedimentos de investigação voltados à compreensão e enfrentamento de situações cotidianas*” (Brasil, 2018, p. 2), indispensável à construção do aprender.

Investigação Científica - (EMIFLGG01PE) Investigar e analisar a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens, situando- os no contexto de um ou mais campos de atuação social e considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.

Esta Unidade Curricular está inserida na (s) *Trilha (s) Formativa (s): Soluções Ótimas, Possibilidades em Rede e Humanização dos Espaços*. É importante salientar que, na nova organização curricular, todas as Unidades Curriculares propostas nas Trilhas possuem um ou mais eixos estruturantes que as embasam quanto às habilidades a serem desenvolvidas durante a prática pedagógica com os estudantes. Com isso, temos para a Unidade Curricular *Inglês no Cotidiano*, a seguinte habilidade a ser desenvolvida:

Assim, a Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2018, p. 241) apresenta como abordagem pedagógica para o ensino de Língua Inglesa, sob o prisma *formativo* voltado ao acesso aos saberes “*linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa*”, além da ampliação das possibilidades de interação e mobilidade abrindo outros percursos de construção

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

de conhecimentos e de continuidade nos estudos conforme regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9.394/1996) e se voltam uma participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais, que envolvem o uso das linguagens, concebendo o inglês como “língua franca”. Dessa forma, a BNCC (2018) apresenta como habilidades voltadas para o ensino de inglês:

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

(EM13LP44) Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital (advergame, anúncios em vídeos, social advertising, unboxing, narrativa mercadológica, entre outras), e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, spots, jingles etc.), identificando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento e viralização e explicando os mecanismos de persuasão utilizados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros.

Em Pernambuco, a unidade curricular *Imagens do cotidiano* foi planejada, aspirando fomentar uma reflexão analítica e de aprofundamento do conhecimento científico, bem como de processos criativos que estimulem a práxis, de forma que corrobore para o desenvolvimento de uma posição-sujeito investigativa, reflexiva e criativa. Para isso, visando a materialização desse processo estabeleceu-se a seguinte habilidade:

(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Com base nesses pressupostos, esta **Unidade Curricular** propõe, na sua **ementa**, os seguintes tópicos a serem abordados pelo(a) professor(a) ao longo da sua prática pedagógica propostas em duas abordagens principais:

*Estudo e análise de enunciados e discursos veiculados em diferentes suportes e mídias* (imagens estáticas e em movimento, música, linguagens corporais e do movimento, entre outras).

*Análise do uso do léxico em língua inglesa no cotidiano brasileiro* disseminado nas diversas mídias, músicas, propagandas e áreas específicas do conhecimento e/ou atuação social (área da tecnologia, da saúde, da beleza, do esporte, entre outras) e seus efeitos de sentido.

Nesse caminho, o Currículo de Pernambuco prioriza a relação dialógica estabelecida entre o inglês e outras áreas de conhecimento humano por meio da qual “*os objetos de conhecimento dos diferentes componentes curriculares se relacionam de maneira dialógica*” (PERNAMBUCO, 2021, p. 89). Sob esta ótica, assume um papel relevante no contexto do Ensino Médio que deve ser reconhecida como um “*instrumento de comunicação global, capaz de estabelecer elos em diversos contextos socioculturais de uso e interação entre os indivíduos*” (PERNAMBUCO, 2021, p. 93).

Diante das novas perspectivas e desafios provenientes da sociedade contemporânea, inclusive com a propagação das práticas de multiletramentos capazes de inserir o(a) estudante nesse contexto nas práticas sociais de uso da linguagem. Assim, para Dias (2012),

[...] a aquisição e o desenvolvimento de outras habilidades de leitura e escrita, dependendo das modalidades utilizadas, ampliando a noção de letramentos para múltiplos letramentos. A ampliação desse conceito vem dar conta da diversidade de semioses que co-ocorrem nos textos encontrados hoje em dia nas mídias: visual (uso das imagens), sonoro (uso de sons), verbal (uso das línguas), para citar os mais recorrentes (DIAS et al. 2012, p. 75).

Entendendo e estendendo o conceito de texto para além do oral e do escrito, o termo “multiletramento”, como é sugerido, advém do termo letramento e não deve ser entendido apenas como a habilidade de ler e escrever, mas “*como atividade abrangente*

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

*envolvendo terminologias como letramento científico, letramento visual, novo letramento, letramento midiático*”, (DIONISIO, 2011, p. 137) entre outros. Na atualidade, uma pessoa será letrada quando for capaz de “*atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem*” (DIONISIO, 2011, p. 138).

É sob a perspectiva desses múltiplos letramentos que este material de apoio constitui-se como um caminho para o desenvolvimento desta Unidade Curricular, dito de outra maneira, é um percurso formativo e não um modelo engessado, que mantém a autonomia pedagógica docente. Assim, para despertar a curiosidade científica por meio do ***Inglês no Cotidiano***, enquanto elemento fundamental para suscitar o interesse e mobilizar os/as estudantes para o desenvolvimento dessas habilidades, é importante pensar que isso possa ser realizado a partir da condução à questão propositiva de pesquisa, partindo prioritariamente de inquietações e desafios enfrentados pelos estudantes em seu cotidiano, nos seus contextos, identificando problemáticas de seu interesse através de materialidades discursivas imagéticas ao seu redor.

Portanto, é premissa do trabalho com esta Unidade Curricular a seleção de informações de fontes confiáveis, observando o uso do léxico em língua inglesa no cotidiano brasileiro. Ainda a interpretação, elaboração e uso ético das informações coletadas nos discursos materializados nas diversas línguas e linguagens, situados no contexto dos diferentes campos de atuação social, além da identificação dos conhecimentos gerados pela investigação e análise dos efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados na língua inglesa. Espera-se que este material possa servir de suporte às práticas de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.



## 2. Prática de Pesquisa em Linguagens para o Inglês no Cotidiano

A cada novo dia, palavras em língua inglesa estão sendo inseridas no cotidiano brasileiro, além do advento da popularização da internet e das redes sociais, fatores esses que corroboram para a integração deste idioma como um dos mais falados mundialmente. Sob este prisma, Berger (2005, p. 97) observa que “*a maior quantidade de informação que circula hoje pela Net encontra-se em inglês*” fator este que corrobora para a ideia da língua mais usada para a comunicação global como é o caso da Língua Inglesa. Em comum acordo com a observação de Berger (2005), o escritor indiano Rajagopalan, (2014, p. 76) observa que:

A língua se tornou uma espécie de 'língua mundi' ou a que prefiro chamar de 'World English' (que) é uma 'novi-língua' em plena acepção desse termo popularizado por George Orwell. Ela já escapou das mãos dos ingleses, dos norte-americanos, dos australianos, dos novo-zelandeses, enfim de todos aqueles que até bem pouco tempo atrás eram tidos como proprietários do idioma. (RAJAGOPALAN, 2014, p. 76).

Ainda como afirma Siqueira (2011, p. 90) o “ensino de inglês como língua híbrida e franca” vai requerer um envolvimento diário em novas fronteiras e com novas prioridades, incluindo um trabalho pedagógico que se adeque ao caráter híbrido e multifacetado da língua inglesa. Nesse contexto, Siqueira (2011, p. 109) afirma ainda que o ensino de inglês “*assumido como língua franca, implica colorir as salas de aula com diversos sotaques oriundos de lugares distantes e esquecidos, trazendo as vozes dos guetos, das minorias, dos imigrantes com suas tradições culturais*”,

Com o intuito de enriquecer o ensino do inglês na Educação Básica brasileira, diferentes estratégias são utilizadas com o intuito não apenas de “aprender sobre”, como também de “refletir sobre” a língua. Dessa forma, a Unidade Curricular **Inglês no Cotidiano** tende a contribuir, entre outras situações, para a implementação da pesquisa formal no campo das linguagens. Como afirma a BNCC (BRASIL, 2018, p. 478), a investigação científica enquanto eixo estruturante visa pelo aprofundamento

dos conceitos fundantes das ciências para a interpretação de ideias, fenômenos e processos para serem utilizados em procedimentos de investigação voltados ao enfrentamento de situações cotidianas e demandas locais e coletivas, e a proposição de intervenções que considerem o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Entendendo a presença do inglês em diferentes ações humanas, ocorridas na e pela linguagem, diferentes termos são utilizados em diferentes contextos, como é o caso do comércio, nos jogos eletrônicos, nas redes sociais, da música e mesmo das práticas conversacionais do cotidiano entre outros. Sendo assim, a seguir apresentam-se sugestões de atividades para o trabalho proposto nesta Unidade Curricular. A primeira atividade consiste em práticas de pesquisa com termos utilizados no Brasil (em contexto local, nacional, etc.) acessível ao estudante.

## Orientações para realização de atividades

Nos últimos anos, os pesquisadores têm chamado a atenção para a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o aprendizado dos alunos através da aplicação do método científico e a realização de pesquisa científica, em sala de aula, de forma a possibilitar que estudantes adquiram novos conhecimentos e desenvolvem habilidades centradas na resolução de problemas em situações cotidianas por meio dessas atividades.

Partindo do pressuposto acima, observa-se que diferentes termos advindos do inglês foram incorporados ao português do Brasil, um trabalho com a investigação atua como ferramenta pedagógica passível de utilização na atividade de ensino e aprendizagem nesta unidade pedagógica, sob o paradigma do aprofundamento

**SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO**  
**GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**  
**GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO**

pedagógico. Para tanto, a ficha a seguir pode ser utilizada no levantamento dos termos adotados em nosso país:

### Quadro 1: Ficha de Pesquisa

FICHA DE PESQUISA	
<b>Nome(s) Pesquisador(as/es)</b>	<b>d(as/os)</b> Nomes das/dos estudantes
<b>Hipótese(s)</b>	Os termos mais comuns do inglês adotados pelo português na <i>(descrever a área de atuação humana)</i> foram utilizados de três (ou mais) formas: <ul style="list-style-type: none"> <li>● Para suprir uma lacuna de um termo que não existe no português;</li> <li>● Como empréstimo linguístico;</li> <li>● Apenas a inserção do termo por valor estético ou simples transferência do termo estrangeiro;</li> </ul>
<b>Problema(s)</b>	Quais os termos mais comuns do inglês adotados pelo português no <i>(descrever a área de atuação humana)?</i>
<b>Objetivo(s)</b>	Criar e descrever os objetivos, geralmente partindo da hipótese, de forma a analisar as formas com que estes termos foram utilizados dentro daquela esfera de atuação humana.
<b>Área de atuação da atividade humana</b>	Entende-se neste texto como áreas de atuação humana os âmbitos: <ul style="list-style-type: none"> <li>● Profissional (comércio, indústria...);</li> <li>● Nas mídias sociais;</li> <li>● Nos aparatos tecnológicos;</li> <li>● Jogos digitais e lazer;</li> <li>● Cultura (...).</li> </ul>
<b>Termos Estrangeiros e tradução</b>	Descrever os termos apresentando a sua tradução exata.
<b>Como estes termos são usados</b>	Descrever como estes termos são utilizados, onde são utilizados e se a tradução é condizente ao uso do termo <sup>1</sup> .

**Fonte: Autor do trabalho**

Como resultado, espera-se que, com esse instrumento, os jovens elaborem hipóteses e argumentos baseados no levantamento, na seleção e na sistematização de dados obtidos de pesquisa física *in loco* nas ruas de suas cidades e povoados, no comércio local ou virtual, nos sites e redes sociais, por exemplo. Nesta atividade, orienta-se os estudantes a levantarem hipóteses acerca do uso destes termos. A

<sup>1</sup> Os termos expostos em vermelho são utilizados apenas como exemplificação.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

construção de uma hipótese é um passo crucial para a investigação científica e para o diálogo entre diferentes áreas dentro e fora do campo das linguagens, pois coloca em prática a dúvida sistemática, que pode ser definida como questionamento e autoquestionamento, um comportamento que se opõe à crença em verdades absolutas.

Sugere ainda que, antes incentivar os estudantes a ir ao campo de pesquisa – podendo ser em espaços reais: no bairro, no comércio local ou virtuais: sites de loja, redes sociais, entre outros – um debate/exposição de conteúdo voltado aos estrangeirismos e empréstimos linguísticos, entre outros diferentes termos advindos do inglês e que foram adotados pelo português brasileiro. Como sugestão, apresentamos o vídeo a seguir:



Vídeo: Formação de Palavras –  
Estrangeirismos e Empréstimos Linguísticos

Educa Mais Brasil

Acesse o QR-Code

Como parte do processo pedagógico, ainda é possível que os estudantes sejam divididos em pequenos grupos, abordando diferentes áreas de atuação da atividade humana para abarcar a maior quantidade delas.

## Orientações para avaliação

Professor/a , lembre-se que essa etapa inicial da UC **Inglês no Cotidiano** tem como foco, estimular tanto o conhecimento do termo que adentra no português pelo viés ora do estrangeirismo, ora do empréstimo linguístico ou mesmo pelas questões

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

mediáticas ou pelas estéticas. Neste primeiro momento, pode-se avaliar tanto o instrumento ficha de pesquisa quanto pode-se pedir aos estudantes que apresentem suas pesquisas em um seminário interno na sala de aula.

Para suporte pedagógico, indica-se como sugestão que o professor utilize algumas perguntas-chave voltadas ao “porquê” e “como” um determinado termo foi adotado pelos falantes locais.

Ressalta-se ainda que, a partir da pesquisa realizada, será um momento importante para o trabalho com o vocabulário levantado. Ainda para o vocabulário, indica-se como sugestão, uma prática pedagógica voltada ao reconhecimento e classificação dos termos em inglês utilizados no cotidiano nacional que se desenvolve acerca dos “estrangeirismos” e dos “empréstimos linguísticos”, entre outros (*O vídeo anexado no QR-Code anterior*). O capítulo a seguir, trata de forma mais detalhada a questão dos estrangeirismos e dos “empréstimos linguísticos”.

### 3. Estrangeirismos e Empréstimos Linguísticos

Diferentes autores debatem acerca dos termos advindos de outros idiomas e que adentram, por exemplo, ao português brasileiro, inclusive classificando-os como parte dos neologismos. Para nomes como Boulanger (1979), o neologismo é uma “*unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua*” (Boulanger, 1979, p. 65-66). Partindo dessa premissa, diferentes termos tidos como neologismos partiram do inglês e foram assimilados por nosso idioma como é caso do “estrangeirismo” e do “empréstimo linguístico”, entre outras classificações.

Segundo nomes como Pruvost e Sablayrolles (2012, p. 115), o uso do “estrangeirismo” e do “empréstimo linguístico”, entre outras classificações é um procedimento natural e universal de enriquecimento do acervo lexical de uma língua, e como uma característica marcante é de poder, ao mesmo tempo em que importa uma denominação, introduzir novas realidades que podem ser concretas (como *radar* e *fast food*) ou abstratas (como *vibe*). De acordo com Guilbert (1973, p. 23), é um processo pelo qual um signo é inserido em outro sistema, que tem regras fonéticas, fonológicas, gráficas, morfológicas e sintáticas diferentes do primeiro e se adapta a esta nova realidade linguística.

A apropriação de uma palavra ou expressão estrangeira é um fenômeno linguístico conhecido como “estrangeirismo” ou “neologismo por adoção”. Baseado em Alves (2019, p. 5), o empréstimo decorrente da combinação ou modificação de elementos já existentes em um sistema linguístico, também chamado vernacular e, com base em estrangeirismo, aquele em que o acréscimo ao léxico se dá pela entrada de unidades lexicais de outros códigos, também chamado neologia por empréstimo ou por adoção.

Vale ressaltar que um “*estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua [...]*”

(Alves, 2019, p. 3). Para Valadares (2014, p. 111) quando falamos em estrangeirismos nos referimos às palavras, efetivamente, oriundas de outro “*sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural*” entre comunidades falantes de idiomas diversos.

No caso de palavras como “e-mail”, esta se inicia no português como estrangeirismo, mas hoje está inserida como empréstimo linguístico já que foi adaptada ao contexto no idioma a qual a tomou por empréstimo atribuindo significação de acordo com os interesses comunicativos locais. Botta (2020) observa que, enquanto for sentida como externa à língua receptora, a unidade lexical estrangeira empregada em outro sistema linguístico deve ser entendida como neologismo; quando a palavra adentra no idioma local com características do novo idioma, esta se estabelece como empréstimo. Neste processo, a passagem de uma unidade lexical importada para o idioma local ocorre de forma morfossintática, semântica e até fonológica quando adaptada às características locais.

Em termos de empréstimos linguísticos, termos como bife, futebol, abajur, xampu, blecaute, sanduíche, surfe, entre outros, já foram adaptados e inseridos ao português brasileiro. Como é evidente, essas palavras foram aportuguesadas, assumindo as características do idioma local, no caso deste trabalho.

Abordado um pouco a questão dos estrangeirismos e dos empréstimos linguísticos, torna-se importante uma análise mais aprofundada destes termos e de como eles adentraram em nosso idioma.

## Orientações para a Realização de Atividades

Inicialmente e partindo do quadro 1, a “ficha de pesquisa” presente no capítulo anterior, sugere-se a utilização dos termos levantados para realizar uma análise destes a



**SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO**  
**GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**  
**GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO**

partir de questões semânticas, ou seja, a atribuição de nova “carga de significados/sentidos” aos termos adotados pelo português local. Esse será o momento importante para a realização de duas atividades:

- 1- A classificação em estrangeirismos e por empréstimos linguísticos;
- 2 - A análise e a classificação destes termos buscando elementos de equivalência no português brasileiro.

Dessa forma, e para facilitar o trabalho pedagógico, um outro quadro pode ser criado como forma de atender esta proposta envolvendo a classificação dos termos levantados na ficha de pesquisa anterior, observando dentre vários aspectos, o significado que o termo estrangeiro assume no processo de inclusão (mantém-se ou modifica-se); se o termo pode ser classificado linguisticamente como “estrangeirismo” ou “empréstimo linguístico”; se a tradução deste termo é igual ao valor semântico a ele atribuído localmente; se realmente o termo advindo do inglês é de uso obrigatório ou eletivo, entre outras possibilidades.

**Quadro 2: Ficha de Classificação dos Termos**

<b>TERMO OU PALAVRA</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO “LINGUÍSTICA”</b>	<b>TRADUÇÃO</b>	<b>SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS</b>

Fonte: Autor deste trabalho

Um exemplo que pode ser citado, é a questão da palavra “mouse”. Será importante que professores e estudantes reflitam se este termo se enquadra como “estrangeirismo” ou “empréstimo linguístico”. Posteriormente, será importante refletir sobre a tradução desse termo (*mouse* - camundongo ou rato). Em seguida, será interessante refletir sobre o significado deste termo em português (objeto que movimenta o cursor no computador).



Ao estabelecer este debate, entende-se como coerente, promover a reflexão sobre o uso dos termos advindos do inglês: se eles são usados para suprir uma necessidade ou lacuna no português ou se o termo está sendo utilizado por influência de alguma área da atividade humana ou algum “modismo”. Essa ação levará os estudantes a refletirem sobre termos como “deadline” e “brainstorm” precisam ou não ser utilizadas e o porquê da indispensabilidade de termos como “Facebook”, entre outros.

## Orientações para Avaliação

A avaliação deve ser considerada um momento importante para observar o desenvolvimento e eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Orientação para a avaliação da participação das/dos estudantes nos debates, bem como o preenchimento da tabela (que pode ser trabalhada como exercício). Nesta abordagem, orienta-se que o centro do debate seja justamente a reflexão acerca da necessidade/obrigatoriedade ou não do uso desses termos no português.

Uma ferramenta que pode ser usada neste processo de avaliação é o quadro anterior (quadro 2). O preenchimento dessa ferramenta servirá como norte de condução dos debates acerca dos termos levantados.

## 4. Abreviaturas e Acrônimos advindos do inglês e usados no Português Brasileiro

A lexicologia é o ramo da Linguística que estuda e analisa a palavra, observando a forma com que esta é estruturada e categorizada e se ocupa também dos processos de formação de palavras, o que inclui neste processo, a utilização de neologismos e nestes dos estrangeirismos e empréstimos linguísticos e os termos formados por estes como é o caso dos acrônimos e das abreviaturas.

Para Timbane (2014), o fenômeno das siglas e dos acrônimos merecem um espaço de maior reflexão entre linguistas que se interessam pela sincronia, porque é aqui onde se pode compreender o estado atual da língua. Segundo Biderman (2001, p. 15):

[...] os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão, segundo os padrões lexicais nela existentes. Executam-se os empréstimos linguísticos, muito frequentes no mundo contemporâneo, sobretudo anglicismos, que se vêm propagando por todas as línguas, em virtude do papel hegemônico exercido pelos Estados Unidos na contemporaneidade. De fato, o inglês tornou-se a língua universal da ciência e da tecnologia.

Integra-se à fala de Biderman (2001), o mundo corporativo através dos termos que adentram cada vez mais o mercado econômico brasileiro, trazendo consigo um número grande de termos como é o caso dos acrônimos e siglas. Spencer e Zwicky (2017) definem o termo “acrônimo” caracterizado pelo uso inicial das primeiras letras de uma sequência de palavras que, quando unidas, constituem uma nova palavra. Um exemplo bem comum é o termo NASA que é composto pelas primeiras letras das palavras *National Aeronautics and Space Administration*.

Um outro processo de formação de palavras ocorre pelo uso das abreviaturas. As abreviaturas são palavras que são representadas por sílabas (normalmente iniciais) ou

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

letras. É fácil abreviar uma palavra: escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra, depois use um ponto final abreviativo. Torna-se coerente estabelecer uma pequena diferença entre os acrônimos e as abreviaturas. No caso das abreviaturas, geralmente usa-se a separação dos termos pelo uso de pontos, a exemplo de U.S.A. (*United States of America*). Vale ressaltar que, pela popularização desta abreviatura, ela já é utilizada como acrônimo (USA).

No português brasileiro diversas abreviaturas advindas do inglês são utilizadas. Como exemplo, pode-se citar:

1. AKA (*Also Known As*): este termo é recomendado para quando alguém quiser **especificar alguma coisa ou alguém** que “também é conhecido como”. Exemplo: *The ex-president of US aka Barack Obama*.

2. BFF (*Best Friends Forever*): no Brasil muita gente já adota essa sigla para designar os **melhores amigos**. Dizer que uma pessoa é seu ou sua BFF quer dizer que você tem grande consideração pela amizade dela.

3. BRB (*Be Right Back*): quando alguém precisa se ausentar por um momento e quer avisar a pessoa com quem você está conversando, usa-se o termo BRB para **sinalizar que você já volta**.

4. DIY (*Do It Yourself*): esse é um termo frequente nos tutoriais do YouTube ou em qualquer material de instrução, já que significa “**faça você mesmo**”. Essa não pode faltar no vocabulário de quem tem habilidades manuais, por exemplo.

5. LOL (*Laughing Out Loud*): Está dando uma verdadeira gargalhada e não sabe como expressar esse sentimento? Não precisa encher a outra pessoa de “haha” ou figurinhas. É só dizer “lol” para indicar que você está **morrendo de rir**<sup>2</sup>.

Note-se que boa parte desses termos são utilizados em situações informais no cotidiano. Esses termos foram adicionados no português brasileiro em situações geralmente informais de interações virtuais no Whatsapp e outras formas de comunicação virtual.

## Orientações para a Realização de Atividades

Professor/a, orienta-se que os estudantes possam realizar buscas das abreviaturas e acrônimos advindos do inglês e que são comumente utilizados no dia a dia dos falantes do português brasileiro. O trabalho pedagógico pode voltar-se ao levantamento dos termos que fazem parte do repertório advindo do inglês adicionado ao cotidiano local. Essa busca pode ser realizada nos aplicativos que os estudantes usam para a interação, a exemplo do WhatsApp, em conversações por intermédio das redes sociais e ainda nos termos comumente utilizados na TV e em outras mídias.

Através do levantamento desses termos pode-se realizar uma abordagem pedagógica, em que se possa abordar os aspectos teóricos acerca do processo de formação de palavras em inglês por intermédio das abreviaturas e acrônimos, e que possam dialogar com os termos comumente utilizados e reconhecidos pelos estudantes dentro e fora do espaço escolar.

---

<sup>2</sup> Pode-se ver os termos acima bem como outros exemplos destes termos no site: <https://blog.culturainglesa.com.br/abreviacoes-em-ingles/>

## Orientações para Avaliação

Como abordagem avaliativa, é possível pedir aos estudantes que construam um **glossário** com acrônimos e abreviaturas advindas do inglês com os termos comumente utilizados nas interações espontâneas, presenciais ou observáveis nas redes sociais, possibilitando a captação e a descrição da origem e do uso destes termos tanto no inglês quanto a adaptação destes ao contexto de interação no português brasileiro.

## 5. Prática de Produção de Escrita: O uso do Infográfico como Socialização da Pesquisa

Uma outra forma de trabalho com a Unidade Curricular **Inglês no Cotidiano**, integrado ao eixo pesquisa, que pode ser utilizada no ensino de língua estrangeira é a prática de produção de infográficos. Por trabalhar diferentes modalidades e uso de língua e por priorizar entre outros aspectos a criatividade, este *gênero de linguagem*<sup>3</sup> é um aliado na produção escrita por parte dos estudantes.

Ao se falar de infográficos, adentram-se nas questões de multimodalidade, uma vez que esse gênero lida em um só **protótipo**, diferentes modalidades de linguagem (escrita e visual, por exemplo) e em diferentes suportes. Os infográficos não possuem uma estrutura fixa, ou seja, não existem sem a interferência ou traços de outros gêneros, fator que não acarreta dificuldade no reconhecimento da estrutura desse gênero, pois os protótipos podem ser variados e mesclados em uma estrutura flexível e comum que gera unidade.

Com isto, Módolo (2005, p. 1) define a infografia como sendo “uma forma de representar informações técnicas como números, mecanismos e/ou estatísticas, que devem ser, sobretudo, atrativos e transmitidos ao leitor em pouco tempo e espaço”.

Sobre os infográficos:

[...] a great advantage of their method for reading the visual is that it allows multiple readings of the same visual text. Their method for reading the visual is based on semiotic principles (how meaning is made and understood) and is widely used by academics and practitioners in the areas of functional linguistics and visual discourse analysis<sup>4</sup> (ROBERTS; PHILIP, 2006, p. 2010).

<sup>3</sup> OLIVEIRA e PAIVA (2019 p. 71) afirmam que o termo “gêneros de linguagem” é utilizado para resolver as questões no que ela chama de querelas teóricas, no que se refere à visão dicotômica da terminologia entre “gêneros textuais” e “gêneros discursivos”, entendendo que a visão holística. Assim, a autora entende que a busca por precisão terminológica é uma forma de delimitar territórios teóricos, mas que, na prática, acabam criando um problema como é o caso da disputa por determinadas denominações.

<sup>4</sup> **Livre Tradução:** [...] uma grande vantagem do seu método de leitura do visual é que ele permite múltiplas leituras do mesmo texto visual. Seu método de leitura do visual é baseado em princípios

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Em primeiro lugar, porque se trata de um texto multimodal por excelência, já que seu planejamento já o constrói com, pelo menos, palavras e imagens em um leiaute (na *web*, é possível agregar som, movimento, etc.); em segundo, porque é um gênero que circula amplamente em jornais impressos, digitais e mesmo na TV, nas previsões do tempo, nas explicações e nas demonstrações de fatos, causas, efeitos, trajetórias, etc.; outro aspecto relevante é que a infografia geralmente resulta de um planejamento interessante, executado por diversos profissionais (Ribeiro, 2016, p. 31). Para Rojo (2012, p. 23), ao trabalhar com aspectos de multimodalidade, é possível observar que os infográficos:

- a) são interativos e colaborativos (de linguagem, modos, mídias e cultura);
- b) transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial, nas relações de propriedade (das máquinas, das ideias dos textos [verbais ou não]);
- c) são híbridos, fronteirios e mestiços.

Entende-se, contudo, que a compreensão dos infográficos não é algo tão fácil. Há todo um conjunto de estratégias (sócio/meta)cognitivas utilizadas por parte do leitor, o que inclui neste processo a ativação de conhecimentos prévios a partir da bagagem intelectual adquirida pelo leitor acerca do tema, bem como a associação de conhecimentos de diferentes campos a exemplo da *“matemática e das operações com os números bem como o reconhecimento do tipo de gráfico que se apresenta”* (Ribeiro, 2016 p. 45). Para Ribeiro (2016 p. 45) alguns elementos podem influenciar a compreensão de um infográfico a exemplo da:

- a) intimidade do sujeito com o tema abordado;
- b) estética do gráfico;
- c) quantidade de informações apresentadas no mesmo gráfico.

---

semióticos (como o significado é produzido e compreendido) e é amplamente utilizado por acadêmicos e profissionais nas áreas de linguística funcional e análise de discurso visual.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Ressalta-se que os infográficos não são apenas simples desenhos que apresentam informações e que podem ser visualizados. Trata-se de um gênero que se ocupa da “*organização de textos de forma mais efetiva para acelerar a compreensão e a memorização das mensagens*” (Ribeiro, 2016, p. 35-36). Ainda para Mayer (2001, p. 184) e por lidar com as questões de múltiplas modalidades “*os alunos aprendem melhor através de palavras e imagens do que palavras apenas*”. Além de leitura, a produção textual também é uma proposta que pode ser utilizada para o trabalho pedagógico com os infográficos.

Para nível de organização, os infográficos podem ser classificados de algumas maneiras e de acordo com a organização verbal e visual. Desta forma, tem-se como classificação deste gênero:

- 1- **Timeline:** são representações visuais de eventos, acontecimentos ou informações organizados cronologicamente ao longo de uma linha horizontal. Elas são projetadas para ajudar as pessoas a compreender a sequência de eventos ao longo do tempo de forma clara e concisa.
- 2- **(Info)Biografias:** Para traçar a vida de uma pessoa, destacando marcos significativos em sua vida, carreira ou realizações.
- 3- **Infográficos Informativos:** Esses infográficos são projetados principalmente para transmitir informações e fatos de maneira clara e concisa. Eles podem incluir gráficos de barras, gráficos de pizza, tabelas e outras representações visuais de dados para tornar as informações mais acessíveis.
- 4- **Infográficos de Processo ou Fluxo:** Infográficos de processo são projetados para explicar um conjunto de etapas sequenciais em um processo. Eles incluem frequentemente setas ou linhas que conectam cada etapa, destacando a progressão do processo.
- 5- **Infográfico de Tabela:** organizam informações utilizadas em uma pesquisa. São apresentados de forma estatística e compilam informações de classificação.



Estes são alguns formatos de infográficos, podendo haver inúmeros outros, concebidos a partir da criatividade do autor e da necessidade comunicativa. As possibilidades pedagógicas são muitas quando utiliza-se deste gênero de linguagem conforme é possível observar a seguir.

## Orientações para realização de atividades

As abordagens pedagógicas para a produção de infográficos são diversas (*vide* QR-Code). Como sugestão, inicialmente pode-se realizar a leitura de infográficos que envolvam a temática de uso do inglês no cotidiano. O texto a seguir, serve para este fim. Paralelo ao texto e como sugestão de atividade estão apresentadas algumas questões:



### Atividade

- 1- Quais dos termos apresentados no infográfico você conhece?
- 2- Quais termos apresentados no infográfico você já observou ou utilizou em algumas de suas atividades (jogos, trabalho, lazer, etc.)?
- 3- Dos termos que você apresentou, classifique-os quanto à classe gramatical?

O infográfico disponível no QR-Code acima apresenta algumas das palavras mais comuns do inglês que fazem parte do nosso dia a dia. A partir da leitura, e ainda como sugestão, orienta-se para a produção de duas atividades: o preenchimento da tabela com dados acerca do uso de termos em inglês e posteriormente a construção de um infográfico. Para facilitar, expõe-se a **Atividade 1** a seguir:

Levantamento de termos em Inglês

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
 GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
 GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Âmbito ou esfera de atuação humana	Quantidade de termos identificados
<p>Entende-se neste texto como áreas de atuação humana o âmbito:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Profissional (comércio, indústria...);</li> <li>● Nas mídias sociais;</li> <li>● Nos aparatos tecnológicos;</li> <li>● Cultura (...).</li> </ul>	<p>Identificar o quantitativo em número (arábico preferencialmente) ou em valor percentual.</p>

**Fonte: próprio autor**

Como variação desta atividade, os estudantes podem utilizar parte das informações apresentadas no capítulo anterior. Segue-se para a **Atividade 2** que é a construção de um infográfico que pode ser feita a partir de um gráfico de função<sup>5</sup> manualmente no caderno ou utilizando o aplicativo do pacote *OFFICE WINDOWS: Excel*.

No caso da produção de um gráfico pelo aplicativo citado, o procedimento é bem simples: cria-se uma tabela com duas colunas inserindo na primeira os diferentes âmbitos da ação humana (profissional nas mídias sociais, jogos digitais, entre outros) e na segunda coluna, inserem-se os valores numéricos. Seleciona-se toda a tabela e depois, clicar no canto esquerdo e superior no botão “Inserir”; quando clicado, já pode-se observar no canto superior mais centralizado na tela do computador<sup>6</sup> diferentes formatos de infográfico; basta clicar em um deles e o infográfico será criado automaticamente.

<sup>5</sup> Essa é uma atividade que pode atuar de forma *interdisciplinar* com o Componente Curricular **Matemática**. Nesse caso, o professor deste componente pode revisar o conteúdo “Função” (Primeiro e Segundo Grau) auxiliando o estudante nas práticas de “numeramento” (ou letramento matemático). Dessa forma, atendem-se os critérios apresentados em trilhas como a *Matematiz Ação*.

<sup>6</sup> Considerando que boa parte das escolas apresenta laboratório de informática, o uso de computadores em qualquer formato ou edição de Excel, o procedimento será o mesmo.

## Orientações para Avaliação

Como este capítulo está voltado para integração entre o eixo temático **investigação científica** e a produção textual a partir de dados levantados neste processo, é possível a utilização das diferentes atividades apresentadas nos capítulos anteriores. Assim, orienta-se, como sugestão, que o/a professor/a avalie o processo de produção textual (não apenas o produto escrito, como é o caso do infográfico), envolvendo desde os dados levantados anteriormente e que envolvem o uso de termos em inglês no cotidiano e que servem de base de dados/informações que podem ser utilizadas posteriormente na produção de infográfico. Pensamos em deixar o estudante livre na escolha de onde e como os dados que serão inseridos na tabela serão coletados bem como os aspectos multimodais (tipos de infográficos, o layout adotado, cores e demais elementos constituintes).

## 6. Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Integração de estrangeirismos à língua portuguesa*. In: TEIXEIRA; VII **Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP)**. Simpósio “A Neologia e o Ensino da Língua Portuguesa”. Porto de Galinhas (Pernambuco), 2019 (ago). Disponível em: <https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/fi> . Com acesso em 22 dez. 2023, 14h44min.

BERGER, Maria Amália F. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma**. São Cristóvão- SE: NPGED, 2005. Dissertação de Mestrado.

BIDERMAN, M. T. C. *Conceito linguístico de palavra*. In BASILIO, M. (org). **A delimitação de unidades lexicais**. Volume Temático I. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BOTTA, M. G. **Breve estudo sobre os usos dos termos empréstimo e estrangeirismo na tradição linguística em língua portuguesa**. Revista Signo. Santa Cruz do Sul, v.45, n. 82, p. 150-159, jan./abr. 2020.

BOULANGER, J. C. **Néologie et terminologie**. In: **Néologie en Marche. Serie B: Langues de spécialités**. Montréal (Canada), 1979, n. 4, p. 5- 127.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DIAS, Anair. (et. al.) *Minicontos Multimodais*. In ROJO, Roxane Helena R [org.]. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DIONISIO, A. P. *Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita*. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GUILBERT, Louis. *Théorie du néologisme*. In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*. 1973, n° 25, p. 9-29.] OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes de. **Gêneros de linguagem na perspectiva da complexidade**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v.19. n.1. p. 67-85, jan./abr. 2019.

MAYER, R. *Multimedia learning*. 2001 apud DIONISIO, A. P. *Gêneros textuais e multimodalidade*. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECSKA, Beatriz. BRITO, K. S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MÓDOLO, C. M. **Infográficos: características, conceitos e princípios básicos**. Disponível em: [http://www.ddprojeto2.xpg.com.br/infograficos\\_caracteristicas\\_conceitos\\_e\\_principios\\_basicos.pdf](http://www.ddprojeto2.xpg.com.br/infograficos_caracteristicas_conceitos_e_principios_basicos.pdf) com acesso em 12 maio 2019 às 17h16min.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes de. Gêneros de linguagem na perspectiva da complexidade. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v.19. n.1. p. 67-85, jan./abr. 2019.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino médio**. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife: Secretaria, 2021

PRUVOST, Jean.; SABLAYROLLES, Jean-François. **Les Néologismes. Que sais-je?** 2. ed. Paris: 2012 [2003], 125 p.

RAJAGOPALAN, K. *O professor de línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística do seu país*. In CORREA, Djane Antonucci (Org.). **Política linguística e ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 73-82

RIBEIRO, A. E. **Textos multimodais. Leitura e produção**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROBERTS, Susan. PHILIP Robyn. **The grammar of visual design**. *Australasian Journal of Educational Technology*. Macquarie University. Sidney. 2006, 22(2), 209-228

ROJO, Roxane Helena R. [org.]. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SIQUEIRA, D. S. P. *Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado*. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana C. Simões; EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 87-115.

SPENCER, A; ZWICKY, A. **The handbook of morphology**. John Willey and Sons. 2017.

TIMBANE, A. A. **A formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa**. *Verbum – Cadernos de Pós-Graduação* (ISSN 2316-3267), n. 6, p. 50-68, 2014.

VALADARES, Flávio Biassuti. **Uso de estrangeirismos no português Brasileiro: variação e mudança linguística**. Tese de doutorado. Pontífca Universidade Católica de São Paulo/PUC SP, São Paulo, 2014.